

OS IRMÃOS OLIVEIRA FERREIRA: ARTE NOS CEMITÉRIOS PORTUENSESMarcelina das Graças de Almeida¹

Em artigo publicado no final do século passado o investigador Gonçalo Sousa (s/d,p.175) comentava acerca do património artístico dos cemitérios portuenses:

Escultores anônimos ou de nomeada, arquitectos menos conhecidos ou de mais nome, disseminaram pelos cemitérios municipais portuenses uma panóplia de obras com marca personalizada, digna de realce. Homens houve, portanto, que deixaram o seu nome ligado às construções funerárias [...].

Daremos relevo aos profissionais que atuaram na cidade tripeira, ressaltando os irmãos Oliveira Ferreira. Não estabelecemos aqui fronteiras entre aqueles que aprenderam o ofício na lida cotidiana e aqueles que possuíam algum tipo de formação acadêmica ou técnica. O que interessa é a habilidade, a atividade artesanal manifestada através da inventividade e expressão incorporada nas obras realizadas por estes artistas.

No Porto é, conhecida, a atuação do mestre canteiro Emídio Amatucci (1811-1872) responsável pela instalação, na cidade, da primeira marmoraria que se dedicava à produção de artefatos e construção de túmulos. Amatucci não possuía formação acadêmica. Sua experiência provinha da formação em Lisboa, local de nascimento, bem como lugar dos primeiros ensaios no ofício. É sabido que Amatucci trabalhou como ajudante nas obras de escultura do Palácio da Ajuda. Há no cemitério privativo da Irmandade da Lapa e nos cemitérios públicos do Prado do Repouso e Agramonte registros do trabalho desenvolvido por Amatucci, estando muitas delas assinadas. O artesão foi responsável pela construção dos monumentos funerários no norte de Portugal no período circunscrito às décadas de 50 e 60 do século XIX, perdendo hegemonia nos fins de 79 e 80, na medida em que outras oficinas foram se instalando na cidade do Porto. (QUEIRÓZ, 1998, p.51)

Outro nome de destaque na arte funerária portuense pertence a um canteiro que, tendo frequentado a Escola Industrial do Porto, onde estudara desenho, revelou-se um *“virtuoso do mármore”* a exemplo de Amatucci. Trata-se de António de Almeida Costa (1832-1915). Almeida Costa instalou sua oficina na segunda metade do século XIX tendo sido responsável pela construção de monumentos na cidade, a exemplo daquele dedicado a D. Pedro V, na Praça da Batalha e de vários túmulos nos cemitérios portuenses. Além do mais foi sócio-proprietário da Fábrica Cerâmica das Devesas, tendo se associado a José Joaquim Teixeira Lopes (1837-1918) escultor que, também, havia estudado na Escola Industrial do Porto e mais tarde se aprimorado em Belas Artes em Paris. (QUEIRÓZ, 1997, p.49-54)

A fábrica das Devesas foi um sucesso empresarial tendo fornecido material de ornamentação tumular, em especial de figuras alegóricas, feitas em mármore e/ou porcelana, tendo mais tarde se especializando na criação de uma seção de fundição e serralheria, ampliando os negócios oferecendo aos clientes ornamentos em ferro fundido. Além das atividades fabris funcionou, até agosto de 1887, nas instalações da fábrica uma escola industrial, a Escola Industrial Passos Manuel. Tratou-se de uma atitude moderna, conectada

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, professora dos cursos de Administração, História e Gestão Hospitalar da Faculdade Estácio de Sá, *Campus* Belo Horizonte e professora da Universidade Estadual de Minas Gerais, Escola de Design.

com o espírito da época. Os administradores aproveitaram a existência da escola para formar seus próprios aprendizes. Todo este desempenho não ficou no anonimato, a Fábrica das Devesas foi agraciada com medalhas e elogios nas exposições das quais tomou parte, dentre elas a Exposição Universal de Paris, ocorrida em 1900. Foi considerado um sucesso empresarial produzindo utilitários de bom gosto e ao sabor da época, contando com uma equipe de bons desenhistas e modeladores. A Fábrica de Devesas revelou-se um projeto bem sucedido da aliança entre arte e indústria, não é demais lembrar, ser esta uma das bandeiras do movimento *art nouveau*. (PAMPLONA, 1988, p.282-283)

A fábrica, entretanto, entrou em decadência a partir de 1903. Alguns sócios abandonaram o empreendimento, a exemplo de José Joaquim Teixeira Lopes que saiu da sociedade em 1909, bem como Almeida da Costa, a alma industrial do projeto, já em idade avançada não conseguia mais se manter à frente dos negócios, enfrentando, inclusive problemas pessoais. Outros administradores assumiram a fábrica, mas “[...] a verdade é que [...] não possuíam o talento artístico de Teixeira Lopes e a capacidade empreendedora de Almeida da Costa, incapazes de inverter o rápido processo de decadência da fábrica, esta acabaria por fechar pouco tempo depois.” (QUEIRÓZ e PORTELA, 2001,p.66)

Na década de 20 houve uma tentativa de reerguer o empreendimento sob o nome de Companhia Cerâmica das Devesas. Sobre este episódio ponderam os investigadores Queiróz e Portela (2001,p.67)

A nova sociedade apropriou-se da imagem e do prestígio ainda existente em relação à fábrica das Devesas, como o comprova o papel timbrado usado quase até aos nossos dias. Porém, o contexto econômico era desfavorável, o capital era escasso e a administração não foi capaz de realizar suficiente inovação, à exceção da substituição [...] de velhos maquinismos por outros. Os modelos das peças artísticas permaneceram quase os mesmos, pelo que ficaram grandemente ultrapassados e deixaram de se fabricar. Também a secção de fundição e serralheria ficou praticamente abandonada pouco tempo depois da instalação da nova Companhia. Restaram os produtos utilitários de grés, a telha e o tijolo (sobretudo o refratário, aplicado à indústria) e algum azulejo.

A despeito de todos os contraditórios e transformações a fábrica manteve-se, mas no final da década de 80 do século passado deu-se a ruína total. Foi o desfecho de um projeto moderno e significativo para a indústria da cerâmica e do ferro e decoração funerária que, diga-se de passagem, por esta época já não se usava mais. Os tempos eram outros.

Entretanto na época áurea dos cemitérios oitocentistas, outros artistas se destacaram produzindo obras de qualidade e bom gosto estético. Podemos enumerar vários nomes, entretanto destacamos o trabalho realizado por Soares dos Reis, os Teixeira Lopes e os Oliveira Ferreira².

Antônio Soares dos Reis (1847-1889) era natural de Vila Nova de Gaia, freguesia de Mafamude. Frequentou a Academia de Belas Artes do Porto (1861), esteve em Paris, estudando como pensionista (1867), em Roma (1871) tendo realizado sua obra prima “*O Desterrado*” como prova final do pensionato estrangeiro. Foi eleito acadêmico de Mérito da Academia de Belas Artes do Porto (1872) e de Lisboa (1875). Recebeu medalha de ouro na

² Outros artistas-artistas que possuem obras nos cemitérios portuenses: Anatole Calmels, Charters d’Almeida, Soller, Alves Pinto, dentre outros.

Exposição de Belas Artes de Madri (1881) tendo sido, neste mesmo ano, eleito professor de escultura no Porto. Era exímio escultor inserido no ciclo do Romantismo-Realismo, sua obra revela-se forte e ao mesmo tempo sensível, marcada pela melancolia e sentimentalismo português.

O “*Desterrado*” seu trabalho mais emblemático foi composto em Roma e finalizado no Porto. Fixou-se como símbolo de uma época, embora a mensagem subjacente à obra seja plural. Formalmente é perfeita em sua composição e revela-se ao mesmo tempo espiritual e sentimental.

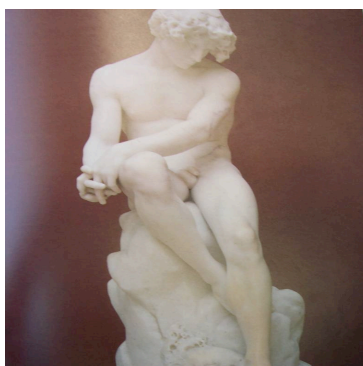


Figura nº01 O desterrado, Soares dos Reis, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
Fonte: O Tripeiro Porto, Ano XI, VI Série, 1971.

O historiador da arte Rio-Carvalho (1993, p.136) assim a avaliou:

A figura de mancebo de “O Desterrado” de corpo vigoroso e fisicamente belo, contradiz-se no seu abatimento nostálgico de homem saudoso da pátria. Um total idealismo preside à perfeição do nu, e assim, *et pour cause*, torna-se verdadeiramente realista.

Na figura, porém, vive ainda uma outra realidade – a da alma – transmitida pelo olhar profundo e pelo abandono da cabeça pendida. Jogos de luz e sombra, as posições da cabeça, do corpo, das pernas, dos braços e dos dedos que se cruzam, elementos notavelmente relacionados entre si, proporcionam um dinamismo até então desconhecido.

Trata-se evidentemente de uma obra importante no panorama da escultura portuguesa do século XIX. Faz parte da coleção do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, lugar onde estão conservados parte da obra do artista, além dos esboços, maquetes, modelos e croquis.

Além dos desenhos e projetos realizados para atender encomendas de escultura funerária destinadas aos para os cemitérios do Porto, Prado do Repouso e Agramonte, há no acervo a estátua original do Conde de Ferreira (1782-1866), obra de vulto realizada em 1876, como ornamento do túmulo do benemérito sepultado na Seção da Ordem Terceira da Santíssima Trindade no Cemitério do Agramonte. Não custa recordar que o busto do corregedor Francisco da Almada, erguido no túmulo que inaugurou o Cemitério do Prado do Repouso é obra realizada por Soares dos Reis. Apesar de ter falecido ainda jovem, Soares dos Reis, criou ao seu redor uma escola de discípulos e seguidores. Antônio Teixeira Lopes é um deles.

Teixeira Lopes (1866-1942) natural de Vila Nova de Gaia, além de herdar o talento e curiosidade artística do pai, José Joaquim Teixeira Lopes, foi aluno de Soares dos Reis na Academia Portuense de Belas Artes. Teve, também, oportunidade de estudar em Paris, na École des Beaux Arts, com o escultor Jules Cavelier (1814-1894) e o também escultor e pintor Antonin Mercié (1845-1916).

Pamplona (1988, p.278) assim o descreve:

Artista de técnica poderosa e subtil e de profundo sentimento plástico embebido de lirismo, foi um intérprete admirável da dor humana, da beleza feminina e da graça infantil. [...] soube traduzir na sua arte os caracteres mais fortes e as emoções mais vivas e mais altas através da perfeita harmonia das formas. A palpitante humanidade de toda a sua obra atinge assim nobre estesia. Desde muito novo se dedicou à escultura, trabalhando em Gaia com seu irmão José e sob a direcção de seu pai na modelação de figurinhas de barro que representavam tipos e costumes nortenhos.



Figura nº. 02 Retrato-estátua do Conde de Ferreira, original em mármore, esculpida por Soares dos Reis. Acervo do Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.

Esta obra foi criada como ornamentação para o túmulo do Conde de Ferreira.

Fonte: O Tripeiro Porto, Ano XI, VI Série, 1971.

A sensibilidade e sentimento plástico do escultor gaiense encontra-se traduzido nas obras funerárias realizadas no Cemitério do Agramonte, no Porto. São elas: as esculturas de jazigo da família Andresen onde estão representadas as alegorias do Comércio, Fortuna e Navegação; o túmulo da atriz teatral Emília Eduarda ornamentado com o busto em bronze, sustentado por uma coluna em mármore, sob a qual repousam adormecido um casal de bebês. Outra obra reveladora de grande emoção é o conjunto escultórico do jazigo de Eduardo Villares, também conhecido como pertencente à família Santos Dumont, no qual se destaca uma figura feminina atirada sobre a lápide, expressão de dor, sofrimento e emoção típica do sentimentalismo romântico que povoa os cemitérios oitocentistas. Estas obras encontram-se nas quadras administradas pelo poder público. Há, entretanto, a escultura da caridade na seção privada da Ordem Terceira de São Francisco construída para ornamentar o túmulo de uma distinta família portuense. É preciso acrescentar que o irmão de Teixeira Lopes, o arquiteto,

José Teixeira Lopes (1872-1919) cooperava na concretização de vários projetos, inclusive da decoração tumular³.

Assim como Soares dos Reis, Teixeira Lopes criou em seu entorno laços de amizade e discípulos em sua arte. Dentre eles há que se destacar o escultor José de Oliveira Ferreira (1883-1942). Nascido na freguesia de São Nicolau. Entretanto, fixou-se em Vila Nova de Gaia, nas imediações do ateliê de Teixeira Lopes, onde trabalhou como aprendiz ao mesmo tempo freqüentando as aulas noturnas de desenho na Escola Industrial Passos Manuel. Em 1898 ingressou na Escola de Belas Artes no Porto e foi muito bem sucedido em seus estudos acadêmicos, sempre alcançando notas altas. No início do século XX, 1907, participou da seleção para obtenção de bolsa de estudos a serem realizados por cinco anos em Paris e concorrendo com candidatos de estatura, saiu vencedor. Em Paris teve aulas com grandes mestres da escultura francesa. Em 1909 concorreu em parceria com o irmão, o arquiteto, Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957), no concurso que escolheu o projeto para construção do monumento à Guerra Peninsular que seria erguido em Lisboa. E, novamente ao disputar com nomes já consagrados da arte portuguesa, saíram vitoriosos. Eram jovens os dois irmãos e tiveram muita dificuldade para concretizar a obra que marcaria para sempre suas carreiras. O projeto apresentado por eles intitulava-se “*Aspirantes Portugueses*”:

[...] o monumento representa o Portugal glorioso, que o povo e o clero defendem. Na base, vislumbra-se o mar que acaricia algumas estrofes de Camões e o esboço de algumas ruínas que mostram os estragos que a Guerra Peninsular deixou no País. Sobre a base assentam diversos grupos: o povo exaltado, um grupo de combatentes e um leão. Na fachada direita vêem-se escombros de casas e sobre eles uma rapariga que se ajoelha aos pés do pai. No cimo do monumento encontra-se um grupo de portugueses que arrancam a sua bandeira das garras da águia napoleônica, entregando-a à Pátria. (PEREIRA, 1995, p.286)

Trata-se de uma obra com fortes componentes naturalistas e sentimentalismo que marcaram as artes, modo geral, em Portugal no final do século XIX. O projeto foi aprovado e premiado em 1909, entretanto definitivamente concluído e inaugurado em 1933, após muito sacrifício e desgaste experimentados pelos irmãos Oliveira Ferreira. Foram vinte e quatro anos de trabalho e de investimento para conseguir realizar o projeto, influenciando inclusive, na saúde física de seus idealizadores. O escultor Oliveira Ferreira teve que interromper os estudos em Paris. Além dos mais não possuíam oficina e instrumentos apropriados para execução da obra, os pagamentos das mensalidades devidas sofriam atrasos e tiveram, também, que atravessar a turbulenta mudança do regime político do país em 1910 que desfazia da milenar monarquia e aderira ao regime republicano⁴.

³ Em 1895 construiu o atelier em Vila Nova de Gaia, na Rua Marquês Sá da Bandeira, onde hoje funciona a Casa Museu Teixeira Lopes. O projeto é do José Teixeira Lopes.

⁴ Para realizar as obras do Monumento a Guerra Peninsular os irmãos idealizaram um prédio que serviria como ateliê na praia de Miramar. O espaço existente ainda nos dias de hoje, possui altura suficiente para nele caber o monumento em tamanho natural. Foi desenhado por Francisco de Oliveira Ferreira e delicadamente decorado por José de Oliveira Ferreira. Nos dias de hoje o edifício clama por reformas e conservação por parte do serviço de proteção ao patrimônio português.

Oliveira Ferreira tendo regressado ao Porto para realização desta obra monumental, vivendo dificuldades econômicas, enveredou-se pela docência tanto em Gaia quanto no Porto, tendo lecionado escultura na Escola de Belas Artes nesta cidade. Trabalhou, também, com o irmão em diversos projetos de arquitetura e decoração, dentre eles a construção de monumentos funerários. Os cemitérios do Porto abrigam obras realizadas pelos irmãos que se destacam pelo extremo bom gosto e cuidado com a forma e conteúdo, demonstrando inclusive um prolongamento do sentimento romântico até meados da década de 30, nos cemitérios portuenses.

Há monumentos funerários assinados pelos Oliveira Ferreira nos dois cemitérios públicos, entretanto no Agramonte encontram-se as obras mais significativas. Na seção privada da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo há dois túmulos ornamentados por anjos esculpidos em bronze. Na seção administrada pelo poder municipal encontramos, também, dois túmulos decorados com motivos angelicais e assinados pelos Oliveira Ferreira. No cemitério do Prado do Repouso foi possível localizar duas capelas-jazigo projetadas pelos irmãos, uma na seção privada da Santa Casa de Misericórdia e outra no setor de administração pública.

O labor artístico levado a cabo pelos Oliveira Ferreira caracterizam-se pela elegância e sutileza das composições, além do equilíbrio formal. Foi motivado pela linguagem estética arte nova, estando os indícios desta manifestação artística impregnada em diversas obras realizadas, destaque para os monumentos funerários⁵.

O escultor Oliveira Ferreira faleceu em 1942, o irmão Francisco quinze anos após. Observamos, entretanto que, em relação à produção de uma arte genuína voltada para os monumentos fúnebres, a morte de José de Oliveira Ferreira encerra um ciclo de grandes escultores que, dentre, outras atividades realizavam obras fúnebres⁶.

⁵ Os irmãos Oliveira Ferreira foram produtores de arte. O Museu Nacional Soares dos Reis abriga em sua reserva técnica maquetes, esboços e esculturas realizadas por José de Oliveira Ferreira.

As obras significativas realizadas por Francisco de Oliveira Ferreira, para além do Monumento à Guerra Peninsular em Lisboa, foram: 1913 – Ourivesaria Cunha, Rua do Loureiro no Porto; 1914 - Sanatório Marítimo do Norte - Valadares; Paços do Concelho em Vila Nova de Gaia; Edifício de “A Brasileira” – Rua de Sá da Bandeira, Porto; 1920 – Casal Minhoto- Francelos; Residência do Doutor Ferreira Alves-Francelos; traçado dos arruamentos da Praia de Francelos; 1921 – Sede do Orfeão Povoense – Póvoa de Varzim; 1922 - Estação Ferroviária de General Torres – Vila Nova de Gaia; Casa de Saúde do Dr. Alberto Gonçalves – Avenida dos Aliados no Porto; Edifício da Casa Inglesa – Rua Passos de Manuel no Porto; 1925 – Projeto para uma Escola Maternal – Povo de Varzim; Hotel Astória, Coimbra; 1926 – Primeiros estudos para o Sanatório “Heliantia” em Francelos; 1928- Concurso para o pavilhão português na Exposição de Sevilha; 1929- Casa-oficina Oliveira Ferreira – Miramar; 1930 – Sanatório “Heliantia”- Francelos; 1944- Concurso para a Igreja de Santo António das Antas- Porto.

⁶ Sobre o escultor Oliveira Ferreira é curioso termos encontrado indicações de trabalhos realizados no Brasil. Não há notícias de que tenha saído do continente europeu, entretanto é possível que possa ter exportado algumas obras. Os Oliveira Ferreira trabalharam para os proprietários do café “A Brasileira” que compravam café no Brasil, bem como para a família Ramos Pinto ligada à exportação do vinho. Esta ligação pode ser a ponte para uma possível migração das obras de José de Oliveira Ferreira, entretanto é um assunto a ser investigado com mais cuidado e minúcias em um projeto futuro.



Figura nº.03 Anjo da guarda conduzindo criança, mármore, 1928, Oliveira Ferreira, Cemitério do Agramonte, Seção 23ª, 1292. Porto.

Na base do túmulo há o seguinte texto epigráficos: “Adora sempre a memória da tua mamã, porque ela deu a vida para tu viveres” 17/03/1920.

Fonte: Arquivo particular da autora.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Marcelina das Graças de Almeida. Morte, Cultura, Memória – Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 402 fls. (Doutorado em História Social da Cultura) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ALMEIDA, Pedro Vieira de e FERNANDES, José Manuel. História da Arte em Portugal A Arquitectura Moderna. Vol. 14 Lisboa: Publicações Alfa S.A 1993.

Arquitectura Pintura Escultura Desenho Patrimônio da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: Museu Nacional Soares dos Reis, Janeiro-Fevereiro de 1987.

FRANÇA, José-Augusto. A Arte em Portugal no Século XIX Terceira Parte (1880-1910) e Quarta Parte (depois de 1910). Vol. III, 3ª ed. Venda Nova: Bertrand Editora, 1990.

GOMES, Rita Maia. Atelier do escultor José de Oliveira Ferreira Relatório preliminar sobre o estado de conservação do espólio artístico. Porto: s/e, agosto de 2005. (Texto digitado)

LOPES, Joaquim. Soares dos Reis Mestre Insigne da Estatuaria Portuguesa 1847-1889. Ocidente Revista Portuguesa. Lisboa, n.º. 35, Vol. XII, p. 426-433, março 1941.

MACEDO, Diogo de. Notas de Arte. Ocidente Revista Portuguesa. Lisboa: n.º. 52, vol.XVII, p.529-536, agosto de 1942.

MATOS, Lúcia Almeida e outros. Museu Nacional de Soares dos Reis Roteiro da Coleção. Lisboa: IPM, 2001.

Oliveira Ferreira Estatuário Homenagem Póstuma Promovida Pelos Seus Amigos e Admiradores. Porto; s/e, maio de 1943.

PAMPLONA, Fernando. Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses Volume 5. 3ª ed. Barcelos: Cia Editora Nacional do Minho S.A, 1988.

PAMPLONA, Fernando de. Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª ed. Vol. IV Barcelos: Cia Editora do Minho,1988.

PEDREIRINHO, José Manuel. Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PEREIRA, José Fernandes de (Direcção). Dicionário de Escultura Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

PEREIRA, Paulo (Direcção). História da Arte Portuguesa Do Barroco a Contemporaneidade. s/l: Círculo de Leitores e Auctores, 1995.

PERNES, Fernando. (Coord.) Panorama da Arte Portuguesa no Século XX. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras Editores S.A, 1999.

QUEIRÓZ, Francisco. A primeira oficina de Cantaria de mármore no Porto Notas para uma biografia de Emídio Carlos de Sousa Amatucci [1811-1872]. O Tripeiro. Porto, n.º. 2, Ano XVII, p. 51-55, fevereiro de 1998.

QUEIRÓZ, Francisco. Um Virtuoso do Mármore Outras Notas para uma biografia de António de Almeida Costa (1832-1915). Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia. Gaia, n.º. 44, 7º vol, p. 49-54, dezembro de 1997.

QUEIRÓZ, Francisco e PORTELA, Ana Margarida. A Cerâmica das Devesas um notável complexo fabril oitocentista. Boletim Amigos de Gaia. Gaia, junho 2001.

RIO-CARVALHO, Manuel. História da Arte em Portugal do Romantismo ao fim do século. Lisboa: Publicações Alfa S.A 1993.

SANTOS, Paula Mesquita dos Santos. Esboços, Maquetes e Modelos O processo criativo em Soares dos Reis. O Tripeiro. Porto, nº. 2, Ano XVII, 7ª série, p. 36-44, fevereiro de 1998.

SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos. Subsídios para uma Iconografia da Morte no Porto do Século XIX (II). Humanística e Teologia. Porto, Fasc. 1-2, 16, p.175-213.